

condicionantes da aplicação de regra variável de concordância verbal e avaliar a importância relativa de cada um deles.

O suporte teórico para a tese foi fornecido por Labov, cujo paradigma da regra variável supõe um estudo da variação lingüística necessariamente de natureza quantitativa, en-

volvendo cálculos de frequência e probabilidade de aplicação da regra em questão. As técnicas para descrição e análise da variação foram sugeridas por Cedergren e Sankoff (1974); para o tratamento estatístico dos dados foi utilizado o programa computacional Varbrul, versão 1986.

## INSTANCIA

*Alcides Villaça \**

Quem volta ao lugar perdido  
quer ver o tempo.  
Não vê a casa, o muro, o degrau mais fino:  
sonha em bater no coração o antigo.

Espanta a resistência daquela árvore,  
a mesma e outras florações depois.  
Espanta a cor fiel dos azulejos,  
tão fiel a si mesma, estranha agora.

Quem volta já não mora no outro tempo,  
embora imite o olhar original.  
Pois quem volta medita. Não cruza o corredor  
como planava sempre a mosca distraída.

Pode-se sentar na escada, prover os olhos  
com a vida da paisagem inocente.  
Livre-se o coração para a verdade  
daquela árvore, à espera de outro amor.

---

\* Alcides Villaça, Professor de Literatura Brasileira da USP.

## DENGO E STACATTO

aquela menina que passeia olhos e cabelos  
prima no pecado  
engata gripe fácil voz chorosa

eva quem lhe ensina planar em plena  
raiz hein? cupidez condena quem  
decúbito?

és mesma condição humana, menina?  
sangras? enquanto me decido  
o corpo já explodiu no canteiro da classe e da razão

## O FILHO DO FAZENDEIRO

(fantasia biográfica para Carlos Drummond de Andrade)

De repente havia a mãe, o pai, os irmãos e a terra que  
mais tarde se chamará Minas.

Pequenina feito um grão de milho, a mãe era a mãe, e seu  
reino bastava.

Na horizontal cresciam os irmãos, mandando-se aos poucos  
para o mundo.

E enfim a terra, também dinâmica, se alargava nas pedras  
e picos, alcançando belo horizonte para só se deter frente ao  
mar.

Mas o pai — o pai não pára de crescer. Castiga, e cresce.  
Silencia, e cresce. Morre, e cresce muito mais.

O filho jejua a fome do pai, é preciso estrangulá-la com  
longos versos de paixão seca. É preciso que o pai cesse de crescer  
e caiba neste filho.

No ar, o filho dá ao pai a imagem de sua semelhança.

Se a pedra é dura e silenciosa, como afastar dá ponta da  
mesa o silêncio do pai? Se o enigma pousa e desafia, como dar  
as costas sem enfrentar o escuro do castigo? Se o pai surge no  
espelho durante a barba amarga, como não reconhecer na imagem  
a familiaridade do inimigo?

Bate no peito do pai o coração da Máquina do Mundo:  
como distinguir, na oferta de um amor já combatido, entre o  
que é graça e o que é aliciamento? Por que me pede ela para  
abrir o peito — única herança inviolada desde que a terra de  
Itabira se abateu em perdas? Como fragar a riqueza de um

silêncio que sequer a poesia tocou, em troca da iluminação de um mundo que dói apenas insinuado?

.....  
E eis que na mesa um banquete. Convocada em volta a família, e os cúmplices, para o simpósio final. Na mesma cabeceira o pai se reparte entre os olhares, e está inteiro em cada parte, e íntegro na transparência. E pensa: "Saberá a fraude daquele farmacêutico alinhar químicas e alquimias que me façam pousar na forma sólida que reclama? Pois nem a minha calva lhe ensina o respeito que nunca teve e um outro modo de amar, que me dispense morrer? De todos, é o mais perigoso. Sinto que veio dele o sopro que nos convocou."

E o filho: "Que pensa o velho desta ceia? Por que não ruma em voz alta? A criatura que lhe preparo é menos dura e mais exata que suas esporas gastas. E ainda lhe abro um campo onde cavalgue a propriedade acima dos cartórios. Que mais? Deixarei que desembeste como sintaxe límpida, não descuidando os sítios para o pernoite e os sonhos. Deslize por minha língua, banhe-se em minha saliva, se nunca lhe bastou o recato de um beijo de lábios finos."

Mas o pai se ergue, montanha silenciosa. Romperá o discurso de não-hábito? Puxará seu último chicote? Terá guardado o seu pior silêncio?

Os dentes se detêm na boca cheia.

O pai gira em volta da mesa, gira e gira com a velocidade dos fantasmas, e o tempo gira com ele, para trás e para a frente, e o pó das pedras recobre toda carência, e o pai gira mais rápido, e o filho que ainda nem nasceu já se torna velhíssimo, e gira e experimenta em si mesmo a sensação da Viagem. Tanto cansaço não consola nem explica, mas tem no peso a pedra de enigma e claridade.

O pai come agora calado, do que houve ninguém sabe. Talvez o filho:

"Então aqui começa o meu caminho. Agora sei, aos vinte anos, a economia dos oitenta: é de rebeldia a receita do manjar que me coube. De prato em prato chegarei ao velho, me colarei ao velho, passarei por dentro dele e de mim — também de ti, se me segues. Amores e mortes, tédios e revoluções, rosas e elefantes cortejarão minha província. Nos intervalos perseguirei a

exótica trajetória das veias sob a pele fina. Meu pai, minha história, órfão patriarcal da pura teimosia, te lanço as cinzas ao mar, num sopro que vem de Minas. Minha mãe, meus irmãos, meus convidados: as lembranças levarão o meu corpo à pacificação de toda esta aventura."

O pai abençoa o filho e descansa em definitivo.

